

Notas sobre a trajetória histórica da Igreja do Nazareno no Brasil

*Notes on the Historical Trajectory of the
Church of the Nazarene in Brazil*

David Mesquiati de Oliveira²⁷⁹
Docente do PPGCR da PUC-Campinas

Carlos Alberto Ferreira Sampaio²⁸⁰
Mestrando no PPGCR da PUC-Campinas

Resumo: A Igreja do Nazareno é uma denominação evangélica fundada entre 1907 e 1908, oriunda da fusão de grupos do Movimento de Santidade norte-americano. Sua identidade teológica é solidamente armínio-wesleyana. Sua trajetória histórica no Brasil, iniciada em 1958 com missionários como Mosteller e pioneiros como José Zito de Oliveira, carece de maior sistematização. O presente artigo visa analisar essa narrativa, rastreando suas raízes fundacionais (John Wesley, Phoebe Palmer e a “Teologia do Altar”) e examinando a manifestação de sua práxis em contextos brasileiros, revelando a vitalidade de uma religiosidade em constante negociação cultural e sua adaptação frente a desafios sociais e crises globais. A metodologia emprega a pesquisa bibliográfica, a partir de estudos sobre essa igreja em Programas de Pós-Graduação e artigos em revistas acadêmicas no Brasil.

Palavras-chave: História das Religiões; Igreja do Nazareno; Movimento de Santidade; Wesleyanismo; História Social; Religiosidade brasileira.

Recebido em: 18 ago. 2025 Aprovado em: 20 set. 2025

²⁷⁹ Doutor em Teologia (PUC-Rio) e doutorando em História (Ufes). Docente do PPGCR da PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa História das Religiões e Religiosidades da PUC-Campinas e do CEHILA Brasil. Presidente da Associação RELEP Brasil. Email: david.mesquiati@puc-campinas.edu.br

²⁸⁰ Mestrando em Ciências da Religião no PPGCR-PUC-Campinas e Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil. Bolsista NAS/PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa História das Religiões e Religiosidades da PUC-Campinas. Email: carlos.afs1@puccampinas.edu.br

Abstract: The Church of the Nazarene is an evangelical denomination founded between 1907 and 1908, emerging from the merger of groups within the American Holiness Movement. Its theological identity is solidly Arminian-Wesleyan. Its historical trajectory in Brazil, which began in 1958 with missionaries like Mosteller and pioneers such as José Zito de Oliveira, warrants further systematization. This article aims to analyze this narrative by tracing its foundational roots (John Wesley, Phoebe Palmer, and the “Altar Theology”) and examining the manifestation of its praxis in Brazilian contexts. It reveals the vitality of religiosity in constant cultural negotiation and its adaptation to social challenges and global crises. The methodology employs bibliographic research, drawing upon studies about this church from Brazilian Postgraduate Programs and academic journals.

Keywords: History of Religions; Church of the Nazarene; Holiness Movement; Wesleyanism; Social History; Brazilian Religiosity.

Introdução

A história das religiões, em sua incessante busca por compreender as complexas teias que conectam o sagrado e o social, frequentemente se depara com movimentos transnacionais que, ao se enraizarem em novos contextos culturais, experimentam transformações. A Igreja do Nazareno, uma denominação evangélica com uma identidade teológica armínio-wesleyana e uma vocação missionária global, oferece um prisma revelador para essa investigação.²⁸¹

²⁸¹ A Igreja do Nazareno se insere no vasto espectro das denominações evangélicas protestantes, caracterizadas pela ênfase na experiência pessoal de conversão, na autoridade da Bíblia e na necessidade de evangelização. Sua identidade teológica refere-se a uma corrente doutrinária específica que combina as ideias de Jacob Arminius (1560-1609) e John Wesley (1703-1791). Armínio, um teólogo holandês, propôs uma alternativa às interpretações mais rígidas do calvinismo, enfatizando a liberdade da vontade humana para responder à graça de Deus e o desejo divino de que todos sejam salvos. John Wesley, fundador do metodismo, aprofundou e popularizou as ideias arminianas, especialmente através da doutrina da “santificação inteira” ou “perfeição cristã”. Para Wesley, a perfeição cristã é o amor a Deus e ao próximo vivido em comunidade, um processo contínuo de crescimento em santidade, uma “segunda obra da graça” (Couto, 2019, p. 222), que purifica o coração e impulsiona o crente a uma vida de piedade e engajamento social. A Igreja do Nazareno adota essa perspectiva, considerando o wesleyanismo como “o arminianismo ortodoxo inspirado pelo poder e favor do Espírito Santo” (Campello, 2019, p. 23), com foco na busca de uma vida santa tanto em aspectos pessoais quanto sociais.

A empreitada de rastrear a história de uma denominação não é apenas um exercício descritivo, mas uma necessidade intrínseca à compreensão de sua própria identidade e legitimidade. Conforme Paul M. Bassett e William Greathouse (1985, p. 18), “se a doutrina da inteira santificação é uma nova doutrina, uma doutrina não fundamentada na longa história da fé cristã e sua prática, ela não deve ser aceita como válida e não deve ser considerada autenticamente cristã”. Daí a importância de se analisar historicamente um grupo religioso e suas conexões com a longa tradição religiosa.

Essa perspectiva sublinha que a validade de uma doutrina está intrinsecamente ligada à sua historicidade. No mesmo sentido, Dorothy Bullón (2011, p. 168) enfatiza a responsabilidade da Igreja de registrar seu percurso: “neste momento histórico, no qual o continente latino-americano começa a tomar consciência de sua existência como cultura que emerge, a Igreja deve assumir sua responsabilidade de deixar por escrito seu ser e fazer”. Assim, este estudo não apenas contribui para o campo das religiões, mas também responde a um imperativo denominacional de autoentendimento e contextualização, unindo fontes internas da igreja e análises externas.

Nascida do fervor do Movimento de Santidade norte-americano no início do século XX, a chegada da Igreja do Nazareno e seu desenvolvimento em solo brasileiro, a partir de 1958, constituem um campo fértil para a análise da adaptação religiosa em um dos cenários de maior diversidade espiritual do mundo.

Longe de uma mera transposição de doutrinas e práticas, a trajetória nazarena no Brasil é uma narrativa de encontros, negociações e reinvenções. Este artigo propõe-se a rastrear essa jornada, examinando como as raízes fundacionais da denominação, profundamente marcadas pelo pensamento de John Wesley e pela “Teologia do Altar” de Phoebe Palmer, foram reconfiguradas ao interagir com a efervescente paisagem religiosa e cultural brasileira. A análise transcende o plano meramente institucional para adentrar as esferas da História Social e das Mentalidades, buscando capturar a ressonância da fé nazarena nas experiências individuais e coletivas de seus adeptos.

Ao longo destas páginas, investigaremos primeiramente as bases históricas e teológicas que conferem à Igreja do Nazareno sua singularidade, desde o avivamento wesleyano até sua consolidação como denominação. Em um segundo momento, o foco se deslocará para a complexidade cultural brasileira, explorando as manifestações de sincretismo e a “bricolagem” de identidades religiosas que emergem do diálogo entre a tradição nazarena e as religiosidades locais. Por fim, abordaremos os desafios contemporâneos que

testam a capacidade de adaptação da práxis nazarena, desde questões sociais prementes, como a homossexualidade, até crises globais que redefinem a experiência da comunidade de fé.

Este estudo visa, portanto, aprofundar a compreensão sobre como uma denominação de perfil internacional se insere e se reinventa em um contexto de pluralidade, revelando a Igreja do Nazareno no Brasil não apenas como um objeto de estudo, mas como um testemunho vivo da dinâmica intrínseca à história das religiões e das múltiplas formas pelas quais a fé se manifesta e se adapta.

1. As raízes históricas e teológicas da Igreja do Nazareno

A Igreja do Nazareno, uma denominação evangélica com uma presença global significativa, possui uma rica tapeçaria histórica e teológica que moldou sua identidade e missão ao longo dos séculos. Suas origens remontam a profundos movimentos de avivamento religioso, que não apenas redefiniram a experiência da fé, mas também impulsionaram um vigoroso engajamento social. Compreender essa trajetória é essencial para analisar sua implantação e desenvolvimento no complexo campo religioso brasileiro.

1.1. O avivamento wesleyano e o Movimento de Santidade

A gênese da Igreja do Nazareno está intrinsecamente ligada à figura de John Wesley (1703-1791), um clérigo anglicano cujas convicções teológicas e práticas pastorais deram origem ao movimento metodista. Wesley propôs uma visão de fé que ia além da mera adesão doutrinária, enfatizando uma "perfeição cristã" que se manifestava no amor a Deus e ao próximo.

A "perfeição cristã" de Wesley, muitas vezes mal interpretada, é entendida como a completa consagração a Deus e a purificação do coração, um processo contínuo de crescimento em amor. Essa distinção era crucial em um cenário teológico onde figuras como Charles Finney, por exemplo, entendiam a perfeição cristã como a "possibilidade de não pecar" (Smith, 1962), uma visão que contrastava com a abordagem wesleyana focada na santidade. A busca por essa experiência era vista como a "segunda obra da graça" (Bassett & Greathouse, 1985), que impulsionava o crente a uma vida de piedade e engajamento social. Essa compreensão é vital para entender a identidade teológica que a Igreja do Nazareno herdou.

Como aponta Couto (2019, p. 2019), "para Wesley, a crença correta precisava impulsionar o cristão para obras de caridade, de amor ao próximo e vice-versa". Essa interligação entre a fé e a ação, que ele chamava de ortodoxia e ortopraxia, representava um equilíbrio fundamental para a vida cristã,

contrastando com a mera especulação teológica ou um ativismo sem base espiritual. O compromisso de Wesley com a transformação social era evidente, por exemplo, em sua forte oposição à escravidão, refletindo a crença de que a santidade não poderia ser dissociada da justiça social.

Após o falecimento de Wesley, o movimento metodista continuou a crescer, especialmente nos Estados Unidos, onde o conceito de santidade ganhou novas nuances através do Movimento de Santidade (*Holiness*). Nesse contexto, a Sra. Phoebe Palmer (1807-1874) emergiu como uma figura influente. De leiga metodista, Palmer desenvolveu uma teologia que enfatizava a "inteira santificação" como uma "segunda bênção", uma experiência distinta da conversão inicial. Sua abordagem ficou conhecida como "Teologia do Altar," um método para alcançar a santificação plena. Couto (2019) descreve o processo:

Uma das maneiras como os teólogos metodistas e do movimento de santidade contemporâneos se referem à inteira santificação como segunda bênção é crise – processo – crise. A primeira crise se dá em torno da compreensão da natureza caída do ser humano, que quando revelada gera o desejo ardente de ser justificado. Jesus disse que bem-aventurado são os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados (Mateus 5.6). A fome e a sede retratadas ali são de um momento extremo, de alguém que está, literalmente, isto é, sem usar de hipérbole, morrendo de sede ou fome pela justiça divina. Uma vez que a pessoa é justificada, ela tem paz com Deus (Romanos 5.1). Contudo, mesmo gozando desta paz, o cristão ainda não alcançou maturidade (perfeição, grego *theleiosis*) e nesse processo, acaba entrando numa nova crise, pedindo a Deus pelo batismo no Espírito Santo, que por sua vez, traz, como consequência, a purificação do coração (Atos 15.9) (Couto, 2018, p. 60).

Há uma complexidade na articulação da experiência de santidade e a busca por uma linguagem que refletisse fielmente os ensinamentos de Wesley e a Bíblia, evitando equívocos e garantindo a autenticidade da experiência. O Movimento de Santidade, portanto, não foi homogêneo, mas um campo de reflexão e debate sobre a natureza da vida cristã aperfeiçoada.

A compreensão da santificação como um processo de busca contínua e uma experiência profunda contrastava com o "perfeccionismo" defendido por figuras como Charles Finney, que, segundo Couto (2019, p. 222), "entendia que a perfeição cristã era a possibilidade de não pecar" e que "negava o pecado

original". A distinção é crucial: enquanto Finney propunha uma impecabilidade radical, a teologia de Palmer, enraizada em John Fletcher, focava em uma consagração total e uma purificação do coração, mantendo a perspectiva wesleyana de que a perfeição é um processo, não um estado final de ausência de erros.

Foi desse fértil solo do Movimento de Santidade, com suas diferentes vertentes e ênfases, que a Igreja do Nazareno emergiu. Sua fundação, entre 1907 e 1908, resultou da fusão de diversos grupos, como a Igreja do Nazareno original de Phineas Bresee, a Associação de Igrejas Pentecostais da América e a Igreja de Cristo de Santidade. Essas uniões, impulsionadas pelo desejo de maior eficiência e alcance na propagação da mensagem de santidade, culminaram na formação de uma denominação que se consolidou sob a nomenclatura de Igreja Pentecostal do Nazareno e, posteriormente, em 1919, simplesmente Igreja do Nazareno, devido à ressignificação do termo "pentecostal" (Couto, 2020). Para seus líderes, a Igreja do Nazareno buscou ser uma "igreja do povo e para o povo", com a missão explícita de "pregar a santidade e levar o evangelho, prioritariamente, aos pobres" (Couto, 2019, p. 226), evidenciando seu compromisso com a inclusão e o serviço social que herdara de suas raízes wesleyanas.

A fusão de diversos grupos, como a Igreja do Nazareno original de Phineas Bresee, a Associação de Igrejas Pentecostais da América e a Igreja de Cristo de Santidade, que culminou na fundação da denominação no início do século XX, foi impulsionada pela visão de "restaurar ao povo a fé Apostólica" e "pregar o evangelho da salvação plena com o Espírito Santo enviado do céu" (Smith, 1962). Essa missão fundacional já trazia consigo um forte componente de engajamento social, com a crença de que "as grandes reformas que recentemente ocorreram em nossas instituições políticas e comerciais, o avanço maravilhoso e abrangente da proibição, o derramamento do Espírito Santo" eram sinais do agir divino na sociedade (Smith, 1962). A Igreja do Nazareno, portanto, nasceu, perspectiva de seus fundadores, com uma vocação clara para impactar tanto a vida espiritual individual quanto as estruturas sociais.

1.2. O trabalho missionário e a implantação no território brasileiro

A vocação missionária da Igreja do Nazareno, herdada do dinamismo do Movimento *Holiness*, impulsionou sua expansão para além das fronteiras norte-americanas, culminando em sua chegada ao Brasil em meados do século XX. A implantação da denominação em solo brasileiro em 1958 não foi um

evento isolado, mas o resultado da confluência de esforços de missionários e pioneiros locais.

Este movimento missionário estava inserido em uma visão mais ampla da Igreja do Nazareno de expandir sua presença global, seguindo diretrizes de “adaptações culturalmente condicionadas” que deveriam ser “referidas e aprovadas pelo Conselho de Superintendentes Gerais” (Parker & Johnson, 1988). A igreja já possuía uma estrutura missionária em desenvolvimento, onde o apoio financeiro e a produção literária desempenhavam papéis cruciais. A *Missionary Society*, por exemplo, era um canal vital de fundos, não só para estabelecer novas igrejas, mas também para adquirir equipamentos, como uma ambulância para o hospital e equipamentos de impressão para a Shirley Press (Parker & Johnson, 1988), evidenciando uma abordagem holística que integrava evangelização, saúde e educação desde cedo.

A história da Igreja do Nazareno no Brasil começou de forma particular, com a figura do Rev. José Zito de Oliveira, um cabo-verdiano que se converteu à fé nazarena em 1951 (Couto, 2019). Mesmo antes da presença oficial da denominação no país, Zito já demonstrava um profundo desejo de servir, buscando formação teológica e mantendo-se fiel à sua igreja de origem, chegando a enviar dízimos para Cabo Verde enquanto residia no Brasil (Couto, 2019). Sua perseverança e compromisso foram cruciais para o acolhimento dos primeiros missionários.

A chegada formal da Igreja do Nazareno ao Brasil ocorreu com o desembarque do Rev. Earl Elwood Mosteller e sua família em 31 de julho de 1958 (Couto, 2019). A vinda de Mosteller foi precedida por um pedido dos membros da Igreja do Nazareno, Ervin e Marjorie Stegemoller, que já residiam no Brasil a trabalho e solicitaram missionários à sede nos EUA (Campello, 2019).

A vinda de Mosteller e família em 1958 foi um marco estratégico. Esse esforço de implantação foi fundamental para a expansão em áreas como Belo Horizonte, Brasília e diversas cidades paulistas, consolidando uma base sólida para o desenvolvimento futuro. O progresso posterior refletiu a dedicação dos primeiros missionários e convertidos, imbuídos da mensagem de santidade.

As primeiras reuniões em solo brasileiro foram realizadas de maneira informal, na residência dos Stegemoller, em Campinas, São Paulo, em 12 de outubro de 1958. Couto (2019) detalha esse momento inaugural:

o primeiro culto foi realizado em 12 de outubro de 1958, na casa de Ervin Stegemoller e contou com 12 pessoas, a saber: a família Mosteller (o casal Earl e Gladys e suas três filhas, Kathleen,

Virginia e Elizabeth), a família Gates (o casal Charles e Joana) e a família Stegemoller (Ervin, Marjorie e seus três filhos, Ronald, Janis e Carol) (Couto, 2018, p. 199).

A partir dessa pequena congregação, o crescimento foi notável. As reuniões se intensificaram, e o grupo logo precisou de um espaço maior. Em 11 de agosto de 1959, um ano após o primeiro culto, foi inaugurado o primeiro templo da Igreja do Nazareno no Brasil, na Avenida Francisco Glicério, em Campinas (Couto, 2019, p. 233). Esse marco consolidou a presença da denominação e abriu caminho para sua expansão.

A fase inicial foi marcada pela chegada de outros casais missionários, como os Rev. Charles Wise Gates e sua esposa Dona Roma Joanne Gates, e o Rev. William Ronald Denton e sua família (Campello, 2019). Esses missionários desempenharam papéis fundamentais na fundação de novas congregações. Denton, por exemplo, foi responsável pela abertura da segunda Igreja do Nazareno em Belo Horizonte, Minas Gerais, e da terceira em Sobradinho, Distrito Federal, cujo templo foi o primeiro a ser construído pela denominação no Brasil, uma vez que as outras duas funcionavam em locais alugados (Campello, 2019).

A produção literária, ou o “ministério da página impressa”, como Dorothy Bullón (2011) descreve, foi um fator chave no desenvolvimento da Igreja do Nazareno na América Latina. A necessidade de literatura didática e livros para estimular a fé foi respondida por esforços como o do Departamento Hispano, fundado por H. T. Reza em 1945, que produziu uma vasta gama de materiais, de revistas a dicionários teológicos. Essa produção literária garantiu não apenas o desenvolvimento dos membros, mas também a posição doutrinária da Igreja e seu impacto evangelístico em regiões com vastas distâncias geográficas e culturais (Bullón, 2011). No Brasil, iniciativas semelhantes, como a Shirley Press na África, que produzia literatura em línguas locais como Zulu e Shangaan (Parker & Johnson, 1988), seriam cruciais para a contextualização e o crescimento da denominação.

Assim, em menos de uma década, a Igreja do Nazareno expandiu sua presença para além de Campinas, alcançando Belo Horizonte, Brasília e diversas cidades paulistas. Em 1965, já contava com onze igrejas no Brasil, estabelecendo uma base sólida para seu futuro desenvolvimento (Couto, 2019, p. 234). Essa expansão inicial é um testemunho da ação missionária e da dedicação dos primeiros convertidos e líderes, que, imbuídos da mensagem de “santidade”, buscaram fincar raízes em um novo solo cultural, lançando as bases para a trajetória da Igreja do Nazareno no Brasil.

Com a base histórica e teológica estabelecida, é tempo de mergulhar na efervescência da cultura brasileira, onde a Igreja do Nazareno, com suas raízes bem fincadas no movimento de “santidade”, deparou-se com um caldeirão de religiosidades. A próxima seção explorará como a denominação interagiu com essa complexidade, resultando em fenômenos como o sincretismo e a bricolagem religiosa, que reconfiguraram a práxis e a identidade nazarena em solo nacional.

2. A Igreja do Nazareno em meio à complexidade cultural brasileira

A chegada de uma denominação com a identidade teológica da Igreja do Nazareno a um país tão plural e sincretizado como o Brasil era um desafio e exigia adaptação. O cenário religioso nacional, historicamente marcado pelo encontro de tradições ameríndias, africanas e europeias, criou um terreno fértil para a fusão e reinterpretação de práticas religiosas. É nesse contexto que a práxis nazarena se viu em "constante negociação cultural", um fenômeno que molda a experiência religiosa local de maneiras profundas e, por vezes, surpreendentes.

2.1. Sincretismo e a herança afro-brasileira na práxis nazarena

O sincretismo, em sua essência, representa a "coexistência de objetos discordantes" (Bastide, 1974), ou seja, a fusão de elementos religiosos que, em suas origens, eram divergentes. No Brasil, essa coexistência se manifestou de forma particularmente intensa nas religiões de matriz africana, que, sob a pressão do catolicismo e, posteriormente, do protestantismo, não se extinguíram, mas se transformaram, dando origem a novas expressões de fé. A própria trajetória do cristianismo demonstra uma “apropriação criativa da história” (Bassett & Greathouse, 1985), onde o passado é constantemente reinterpretado para atender às necessidades do presente, sem, contudo, abandonar as âncoras da fé. A Igreja do Nazareno, ao se inserir neste panorama histórico-cultural, não permaneceu imune a essas dinâmicas, e um dos casos mais elucidativos é o da Igreja do Nazareno do Cabral (INC).

A história da INC, localizada em Nilópolis, Rio de Janeiro, é um microcosmos da negociação cultural brasileira. Seu templo, um espaço físico outrora sagrado para o candomblé, foi um dos maiores terreiros do Rio de Janeiro, liderado por Djalma de Lалу, avô do pastor da INC, Robson Diniz. A transição desse espaço de um centro de candomblé para uma igreja evangélica, conforme detalhado na dissertação de Jackson Castro (2014), é emblemática. O pastor Robson relata a ausência de registros gráficos do terreiro, pois os fiéis, ao mudarem de credo, "acreditavam que ao destruir todo registro

estariam contribuindo para quebra dos pactos feitos" (Castro, 2014, p. 19). Contudo, a persistência do uso do mesmo galpão, com algumas modificações, para o culto na nova fé, revela uma complexa relação com o passado.

A pesquisa de Jackson Castro aponta para diversas manifestações sincréticas na práxis da INC. A liturgia dos cultos, por exemplo, embora com nomes distintos para cada dia da semana (culto jovem, culto de libertação), é marcada por um forte "emocionalismo" e pela presença constante de "músicas". É no culto de "libertação" que o sincretismo se torna mais evidente, com a ocorrência de manifestações de possessão demoníaca e exorcismo. O autor observa que, sob a orientação da pastora Ângela, esposa do pastor Robson, os fiéis são incentivados a se entregar ao Espírito Santo:

Ela disse: podem gritar, dançar, pular, rodar, cair, deixar o Espírito Santo agir, pois o Espírito Santo estaria controlando cada um daqueles que assim agisse. E assim, aproximadamente umas dez pessoas começaram a rodar, outras caíram no chão, e depois rolaram enquanto outras davam gritos de "glória". Havia ainda em quase todas as pessoas estavam ali a manifestação de glossolalia. Lindoso (2005), ao analisar a insurreição cabana dentro da história da cultura, faz um comentário sobre a forma de cultos afro, descrevendo uma forma de culto daquela época, que ainda é praticado hoje nos terreiros de umbanda e candomblé. "Os serviços religiosos de culto e rito eram realizados por sacerdotes mulheres e homens, que o etnólogos viçosense diz serem 'espécie de médiuns': o pai de santo e a mãe de santo. Esses sacerdotes são definidos, nessa escrita senhorial, como 'negros e negras hystéricos que sendo tomados pelo santo cahiam em estado de extase e davam para adivinhar e profetizar'" (Lindoso, 2005, p. 301). Tudo isso junto já era muito confuso, porque não dava pra entender direito o que estava acontecendo. Foi nesse momento que começaram a tocar dois atabaques. Era claramente uma reunião diferente daquela presenciada no início do culto (Castro, 2014, p. 28-29).

A descrição dos cultos, com o rodar, cair, gritar e a manifestação da glossolalia, somada à presença de atabaques, remete diretamente às práticas de cultos afro-brasileiros. A "transferência involuntária de parte da liturgia da religião anterior" para a atual práxis nazarena, como sugerido por Castro (2014, p. 26), é um indicador de sincretismo, mesmo que inconsciente por parte da liderança. O próprio pastor Robson Diniz, que fora Ogan no terreiro, afirmava não ter explicação para a disposição dos músicos no púlpito, idêntica

à dos Ogans e do pai de santo, considerando-a apenas uma conveniência (Castro, 2014, p. 24).

As razões para esse sincretismo na INC, e em outros contextos brasileiros, são multifacetadas. Castro (2014, p. 6) argumenta que estão "associados à cultura brasileira que, em sua formação é influenciada pela mistura das religiões ameríndias, africanas e europeias". Além disso, a busca por uma "resposta rápida e sem complicações para sua prática religiosa" para preencher um "vazio existencial" leva indivíduos à INC (Castro, 2014, p. 6). Essa dinâmica evidencia a constante interação e influência mútua entre as religiões.

2.2. O trânsito religioso e a "bricolagem" da identidade evangélica

O ecletismo, contudo, é apenas uma das facetas da complexa interação da Igreja do Nazareno com a cultura religiosa brasileira. O fenômeno do trânsito religioso, característico do cenário nacional, também desempenha um papel fundamental na moldagem da identidade e práxis dos fiéis. Muitos membros da Igreja do Nazareno, como em outras denominações evangélicas, não nasceram dentro dessa fé, mas migraram de outras tradições, incluindo o catolicismo e outras vertentes protestantes. Essa mobilidade religiosa é impulsionada, em grande parte, por uma busca por um "re-encantamento do mundo" e por uma "proximidade do sagrado" que, muitas vezes, não encontram nas grandes religiões tradicionais (Diniz, 2011).

A dissertação de Eduardo José Diniz (2011), ao analisar a Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque, outro bairro do Rio de Janeiro, revela que os fiéis articulam suas experiências e motivos para a mudança religiosa, evidenciando processos subjetivos de construção de uma identidade evangélica abrangente. O autor emprega o conceito de "bricolagem de elementos de crença", no qual os indivíduos montam suas convicções a partir de diferentes fontes, inclusive aquelas que podem parecer "estranhos à teologia da Igreja estudada" (Diniz, 2011). Essa "bricolagem" é um reflexo da "desregulação da religião", um processo crescente em que as instituições religiosas enfrentam dificuldades em definir e manter seus contornos, preceitos e limites diante da fluidez das crenças individuais.

As "crises existenciais, sociais, políticas, eclesiásticas" são fatores motivadores para essa adesão a novas culturas religiosas (Castro, 2014, p. 50). Diante de inquietações pessoais e da busca por respostas que as "religiões com doutrinas singulares" não oferecem, os fiéis buscam em "grupos religiosos variados algo que possam atender suas inquietações religiosas" (Castro, 2014, p. 53). Nesse processo, o indivíduo não descarta completamente sua bagagem

anterior; pelo contrário, ele "leva consigo aquilo que ele desenvolveu na religião anterior" (Castro, 2014, p. 55). Elementos da fé prévia permanecem em sua mente e influenciam sua jornada na nova religião, transformando o fiel em um "terreno fértil para o sincretismo religioso" (Castro, 2014, p. 55).

A coexistência de práticas e crenças da religião anterior com as recém-adquiridas, sem uma substituição total, gera uma espécie de "simbiose" (Castro, 2014, p. 57), apontando a capacidade de adaptação da religião. Além disso, também revelam a constante reinvenção das identidades religiosas em um país onde a fé é vivida de maneira intrinsecamente dinâmica e multifacetada.

No entanto, a vitalidade de uma religiosidade não se manifesta apenas em suas negociações históricas e culturais internas; ela é igualmente testada e moldada por desafios externos e contemporâneos. Analisaremos, a seguir, como a Igreja do Nazareno no Brasil tem navegado por questões sociais complexas, como a homossexualidade, e crises globais sem precedentes, como a pandemia, revelando a contínua adaptação de sua práxis e a evolução de suas mentalidades.

3. Desafios contemporâneos e a adaptação da práxis nazarena

A Igreja do Nazareno, como qualquer instituição religiosa inserida em um mundo em constante transformação, confronta-se com questões sociais e crises globais que a forcem a revisitar e, por vezes, reinterpretar seus dogmas e adaptar suas práticas. No Brasil, essa dinâmica é ainda mais acentuada pela rápida evolução da sociedade e pela pluralidade de mentalidades.

3.1. A homossexualidade: entre o dogma e a negociação interna

A questão da homossexualidade representa um dos desafios mais prementes para muitas denominações cristãs, incluindo a Igreja do Nazareno. O discurso oficial da Igreja, conforme explicitado no estudo de Mônica Campello (2019, p. 9), busca um equilíbrio delicado. Há um reconhecimento da "dignidade, graça e amor santo" para cada indivíduo, "seja qual for a sua tendência sexual". Contudo, o documento interno da igreja expressa que essa aceitação da pessoa é acompanhada de uma condenação explícita da "prática do homossexualismo [que] é pecado e é contrária aos ensinamentos bíblicos" (Citado por Campello, 2019, p. 9). Essa distinção entre orientação e prática, embora tente ser compassiva, gera tensões e contradições internas.

Mônica Campello (2019, p. 10) relata a perspectiva de Jobbins, um ex-nazareno, que critica veementemente essa postura, apontando para o que ele considera uma "contradição direta e herética das Escrituras". Para ele, o

conceito de "homossexual cristão" é um "oxímoro", uma combinação ilógica de termos. Sua análise destaca a divergência entre a declaração oficial da Junta de Superintendentes Gerais — que distingue "comportamento" (pecaminoso) de "orientação" (não pecaminosa) — e as expectativas de uma "salvação completa e inteira santificação". Essa tensão é agravada por movimentos internos, como o "Nazarene Ally", que na 28ª Assembleia Geral, propôs que a Igreja se tornasse "uma igreja afirmativa LGBT" (Campello, 2019, p. 11), evidenciando uma busca por maior inclusão e aceitação plena.

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011, que reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo e, posteriormente, permitiu o casamento civil homoafetivo, coincidiu temporalmente com a publicação de documentos nazarenos sobre o tema (Campello, 2019, p. 12). Essa dissonância entre a legislação civil e o posicionamento religioso cria um campo de negociação cultural e moral constante para a denominação no Brasil. A igreja se vê desafiada a acolher, mas sob a condição de uma esperança de "libertação de seus desejos homossexuais ou da capacidade para viverem uma vida celibatária" (Campello, 2019, p. 15). Essa ambiguidade reflete uma "perspectiva nazarena ambígua", com vertentes que ora buscam a afirmação, ora a manutenção de preceitos tradicionais.

A tensão entre o dogma e a prática social não é um fenômeno novo na história da Igreja. A Igreja do Nazareno, ao longo de sua própria formação, também precisou navegar por complexos debates sobre a "pureza" da fé e a unidade eclesial. Timothy Smith (1962) destaca a busca por "lealdade à Igreja e às suas instituições" e a insistência no uso de "nossa própria literatura de escola dominical" como mecanismos para preservar a identidade doutrinária em meio a divergências. Da mesma forma, as discussões sobre a homossexualidade no Brasil refletem uma "perspectiva nazarena ambígua" demonstrando a complexidade de manter a coesão denominacional enquanto se tenta responder às demandas sociais e às "mudanças culturais" que redefinem a conotação de termos e conceitos. Esse é um testemunho da contínua negociação interna e externa que caracteriza a vida de uma denominação.

3.2. A pandemia e a resignificação da liturgia

Além das questões sociais complexas, as crises globais, como a pandemia de COVID-19, impuseram não só à Igreja do Nazareno, como às demais igrejas na ocasião, um novo conjunto de desafios, particularmente no que tange à sua práxis litúrgica e comunitária. A comparação com a pandemia da Gripe Espanhola (1918-1920) revela uma evolução nas respostas

institucionais. Enquanto no início do século XX houve uma certa desvalorização da doença por algumas autoridades e líderes, e decisões *ad hoc*, a pandemia mais recente foi tratada com "medidas mais maduras" (Couto, 2020). Um exemplo disso foi a decisão de adiar a Assembleia Geral de 2021 para 2023, uma medida que não foi tomada durante a pandemia de 1918, demonstrando uma preocupação mais ampla com a saúde e a representatividade global (Couto, 2020).

A capacidade da Igreja do Nazareno de se adaptar a crises globais não se limita à pandemia. Historicamente, seus missionários foram frequentemente incumbidos de programas de socorro e distribuição de ajuda após desastres naturais ou conflitos. Por exemplo, em Belize, em 1961, um furacão e um subsequente maremoto colocaram o missionário Prescott Beals no centro de um programa de reabilitação governamental, demonstrando como os missionários funcionavam como uma "ponte natural entre os países de envio e os destinatários" (Parker & Johnson, 1988). De maneira similar, na China, durante períodos de fome, missionários nazarenos estiveram à frente da distribuição de milhares de dólares em alimentos e outros auxílios, mostrando a integração da missão com a resposta humanitária (Parker & Johnson, 1988).

A necessidade de distanciamento social forçou uma resignificação profunda da liturgia, que, para muitos cristãos, está intrinsecamente ligada ao espaço físico do templo. Vinicius Couto (2020) refletiu sobre polêmica em relação ao não funcionamento de serviços públicos nos templos nazarenos durante o lockdown, mostrando que templo, povo e igreja não são equivalentes, abrindo campo para a adoção de modelos "híbridos" de culto e o uso intensivo da tecnologia com certa agilidade.

A tecnologia, nesse contexto, desempenhou um papel crucial em manter a "communio sanctorum", permitindo que as comunidades se conectassem virtualmente. No entanto, essa "comunhão desencarnada" levantou questões sobre o caráter temporário da liturgia virtual e a superficialidade de alguns relacionamentos online (Couto, 2020). A cultura on-line brasileira, com suas altas taxas de evasão em cursos à distância, por exemplo, sugere que nem todos se adaptam facilmente a esse formato, conforme exemplo de Couto (2020).

Um aspecto importante foi a atenção aos "novos marginalizados" (Couto, 2020) nesse cenário virtual. Pessoas idosas ou sem acesso à internet potencialmente ficaram excluídas, o que exigiu da igreja local uma adaptabilidade que incluísse o envio de cartas ou visitas, seguindo protocolos de saúde.

A administração dos sacramentos, em particular a Ceia do Senhor e o Batismo, também se tornou um ponto de debate. Embora a Igreja do Nazareno adote uma visão da Ceia como um "meio da graça em que Cristo está presente pelo Espírito" (Manual da Igreja do Nazareno, 2023), a realização virtual desse rito gerou desconforto e debates. O Batismo, por sua vez, demonstrou a capacidade de adaptação da Igreja, com Couto (2020) lembrando exemplos históricos como o Didaquê e a história de São João Mosco, onde as circunstâncias (perseguição, falta de água) permitiram a flexibilização do rito em prol de sua essencialidade (p. 225-226). A autonomia concedida às igrejas locais na administração dos sacramentos durante a pandemia, aliada ao respeito aos artigos de fé e aos protocolos de saúde, demonstraram a flexibilidade e o senso de responsabilidade que a denominação desenvolveu.

O contínuo engajamento com esses multifacetados desafios contemporâneos – desde a reinterpretação de dogmas sociais até a reinvenção de práticas litúrgicas em face de crises globais – demonstra que a Igreja do Nazareno no Brasil não é uma entidade estática. Pelo contrário, sua práxis é um campo em redefinição, onde a herança wesleyana se encontra com a urgência do presente, impulsionando adaptações que, por vezes, levam a tensões internas, mas que, inegavelmente, ressignificam sua presença e atuação. Estes processos de redefinição e adaptação não são meras respostas reativas, mas sim componentes intrínsecos de uma religiosidade que, ao longo de sua trajetória no Brasil, tem demonstrado relativa capacidade de negociação e resiliência diante das complexidades culturais e sociais.

Considerações finais

A análise da trajetória da Igreja do Nazareno no Brasil, conforme desvelada neste estudo, não apenas cumpre o imperativo de registrar sua história para as futuras gerações, mas também oferece um prisma para compreender a dinâmica intrínseca das religiões em contextos de intensa pluralidade cultural. A denominação demonstrou capacidade de "apropriação criativa" de sua própria herança, reinterpretando doutrinas e adaptando práticas em diálogo nem sempre tão aberto com as realidades locais e globais. Em certa medida, indicou uma habilidade de negociar entre o global e o local, entre o dogmático e o experimental.

Desde suas raízes no avivamento wesleyano do século XVIII, que postulava uma "perfeição cristã" indissociável do engajamento social e da ortopraxia, até sua implantação no Brasil em meados do século XX, a denominação demonstrou capacidade de adaptação e expansão, ainda que não em número suficiente para destacar-se nos censos oficiais. A chegada de

missionários como Mosteller e o trabalho fundamental de pioneiros como José Zito de Oliveira solidificaram uma presença que, embora modesta, interage com o caleidoscópio religioso brasileiro.

No entanto, a trajetória da Igreja do Nazareno em solo brasileiro não se limitou à mera reprodução de modelos importados. Pelo contrário, ela se manifestou através de processos de negociação cultural e bricolagem religiosa. O caso da Igreja do Nazareno do Cabral (INC) ilustrou como as heranças teológicas da santidade foram interpeladas e, por vezes, ressignificadas pela herança afro-brasileira. As manifestações sincréticas, como o emocionalismo exacerbado, a presença de atabaques e a glossolalia nos cultos de "libertação" (Castro, 2014), revelam uma "coexistência de objetos discordantes" (Bastide, 1974) que, embora possa gerar tensões com o dogma oficial, constitui uma resposta adaptativa ao "vazio existencial" e às peculiaridades culturais brasileiras. O fenômeno do trânsito religioso, impulsionado por "crises existenciais, sociais, políticas, eclesiásticas" (Castro, 2014), e a consequente "bricolagem de elementos de crença" pelos fiéis (Diniz, 2011), apontam para uma "desregulação da religião" que, longe de enfraquecer a fé, a torna mais fluida e contextualizada.

Em síntese, a trajetória da Igreja do Nazareno no Brasil não pode ser compreendida como uma linha reta de adesão a um modelo pré-estabelecido. Pelo contrário, é uma narrativa complexa de constante negociação entre o global e o local, entre o dogmático e o experimental. Os fenômenos de sincretismo e bricolagem religiosa, as tensões em torno de questões sociais e as adaptações frente a crises globais demonstram uma religiosidade fluida e responsiva.

Este estudo introdutório contribui para uma compreensão mais matizada da história das religiões e religiosidades, mostrando que a identidade religiosa é um constructo em permanente diálogo com as mentalidades e as condições sociais, um campo em que a fé se redefine e encontra novas formas de expressão. A Igreja do Nazareno no Brasil emerge, assim, como um laboratório para observar a resiliência e a inventividade do fenômeno religioso em um dos contextos culturais mais ricos do mundo.

Referências

BASSETT, Paul M.; GREATHOUSE, William M. **Exploring Christian Holiness**, Volume 2: The Historical Development. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press of Kansas City, 1985.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**. As civilizações africanas no Novo Mundo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, Usp, 1974.

BULLÓN, Dorothy. **História da Igreja do Nazareno**. Campinas: CNP, 2011.

CAMPELLO, Mônica Conte. **Igreja do Nazareno e seu discurso religioso sobre a homossexualidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2019.

CASTRO, Jackson Gomes de. **A formação de uma igreja sincrética: Igreja do Nazareno do Cabral**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

COUTO, Vinicius. **Uma igreja do povo e para o povo**: santidade, irenismo e avivamento na história da Igreja do Nazareno. Campinas: Nazalivros, 2018.

COUTO, Vinicius. Breve história da Igreja do Nazareno: suas origens, heranças e chegada ao Brasil. **Revista Caminhando**, Curitiba, v. 24, n. 2, p. 217-237, 2019.

COUTO, Vinicius. Liturgia e pandemia: as respostas da Igreja do Nazareno frente aos desafios do novo coronavírus. **Caminhos de Diálogo**, v. 8, n. 13, p. 213-230, 2020.

DINIZ, Eduardo José. **Histórias de mudança religiosa**: identidade e pertencimento na congregação da Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PARKER, J. Fred; JOHNSON, Jerald D. **Mission to the World**: A History of Missions in the Church of the Nazarene. Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House, 1988.

SMITH, Timothy L. **Called Unto Holiness**: The Story of the Nazarenes: The Formative Years. Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House, 1962.